

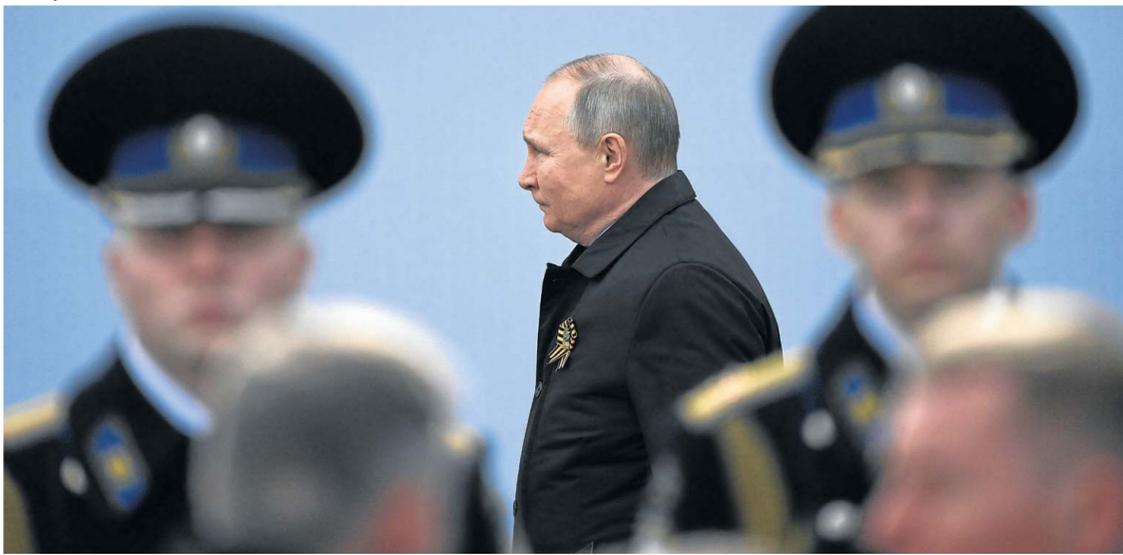


Em discurso durante desfile militar alusivo à vitória sobre a Alemanha nazista, presidente da Rússia defende a invasão à Ucrânia, culpa o Ocidente, acusa Kiev de tentar obter armamentos nucleares e ataca a expansão da Otan na região

## Putin vê "luta pelo futuro"

» RODRIGO CRAVEIRO

Kirill Kudryavtsev/AFP



Vladimir Putin chega à Praça Vermelha, em Moscou, para assistir à parada militar: "Foi uma decisão forçada, oportuna e a única correta"

O polêmico Ilyushin Il-80 — o avião de comando que Vladimir Putin poderia usar para lançar um bombardeio nuclear — e os caças supersônicos não rasgaram o céu de Moscou, ao contrário do que se esperava. O presidente russo também não declarou oficialmente guerra à Ucrânia, nem anunciou a intensificação da ofensiva na ex-república soviética vizinha. Antes do aguardado desfile militar em comemoração ao 77º aniversário da vitória sobre a Alemanha nazista, Putin justificou e defendeu a invasão à Ucrânia. Garantiu que Kiev planejava um ataque aos separatistas pró-Kremlin no Donbass (leste do país), tinha a intenção de construir a bomba atômica e contava com o apoio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

Em discurso na Praça Vermelha, diante de autoridades, oficiais e soldados, Putin culpou o Ocidente pela guerra e buscou demonstrar otimismo em relação ao desempenho das tropas no front. A exibição do poderio aéreo foi cancelada pelas autoridades, por causa do "mau tempo".

"Parabéns pela grande vitória. A defesa de nossa Pátria, quando seu destino esteve em jogo, tem sido sagrado. Esses sentimentos de patriotismo foram importantes. (...) Agora, durante esses dias, vocês estão lutando pelo nosso povo em Donbass e pela segurança de nosso país. (...) O Dia da Vitória é intimamente apreciado por todos nós. Não há família na Rússia

que não tenha sido queimada pela Grande Guerra Patriótica", declarou o presidente. "Outra operação punitiva no Donbass, uma invasão de nossas terras históricas, incluindo a Crimeia, estava abertamente em andamento. Kiev declarou que poderia obter armas nucleares. O bloco da Otan lançou um acúmulo militar ativo sobre territórios adjacentes a nós. Uma ameaça absolutamente inaceitável para nós estava sendo constantemente criada em nossas fronteiras", acrescentou.

Ainda segundo Putin, o ataque russo à Ucrânia foi "preventivo". "Foi uma decisão forçada, oportuna e a única correta. Uma decisão

tomada por um país soberano, forte e independente", sublinhou. Ao se dirigir às Forças Armadas da Rússia, o presidente voltou a apelar ao patriotismo. "Vocês estão lutando pela nossa Pátria, pelo seu futuro. Que ninguém se esqueça das lições da Segunda Guerra Mundial. Não há lugar no mundo para torturadores, esquadrões da morte e nazistas", advertiu, enquanto as tropas russas lançavam mísseis contra cidades no leste da Ucrânia.

Também ontem, os Estados Unidos revelaram ter indícios de que os russos estão expulsando os ucranianos de seu país à força e os enviando à Rússia. O governo

do presidente Volodymyr Zelensky denunciou que 1,2 milhão de pessoas foram deportadas para "campos" instalados em território russo. "Não posso dizer quantos campos há nem como são", disse John Kirby, porta-voz do Pentágono. "Mas temos indícios de que os ucranianos estão sendo levados à Rússia contra sua vontade."

### "Pleno apoio"

Em Berlim, o chanceler alemão, Olaf Scholz, recebeu o presidente francês, Emmanuel Macron. Ambos caminharam até o Portão de Brandemburgo, símbolo da Guerra Fria,

iluminado com as cores da Ucrânia. "Pleno apoio à Ucrânia", declarou Macron, em um ambiente de forte simbolismo. Situado no centro da capital da Alemanha, o Portão de Brandemburgo fazia parte, até 1989, do muro que separou por décadas os setores comunista e ocidental da cidade, convertendo-se em símbolo da Cortina de Ferro.

Especialista da Escola de Análise Política (naUKMA), em Kiev, Anton Suslov explicou ao **Correio** que a narrativa da "Grande Guerra Patriótica" é um dos pilares da identidade neo-imperial da Rússia moderna. "O principal lema da Rússia é 'Podemos

repetir'. Não me surpreende que Putin tenha usado o desfile militar como tribuna para disseminar propaganda. O discurso repetiu narrativas russas típicas sobre o 'perigo da Otan' e a 'defesa da Pátria'. Ele nada acrescentou a esses clichês de propaganda", observou.

Para Suslov, a comunidade internacional e a Rússia superestimaram as capacidades militares de Moscou antes da invasão à Ucrânia. "A corrupção corroeu o Exército russo, enquanto oficiais tentavam persuadir Putin da grandeza militar de Moscou. Ao mesmo tempo, os soldados russos estão fortemente desmotivados, não entendem pelo que lutam. Percebem que são invasores, não defensores. Isso ficou comprovado nas ligações telefônicas para familiares, que foram interceptadas", disse.

Por outro lado, ele vê as forças ucranianas bastante motivadas, além de terem ganho experiência durante as batalhas no Donbass, desde 2014. "Por último, e não menos importante, o Exército ucraniano foi reformado em 2014 para atender aos requisitos da Otan, enquanto o russo manteve tradições e táticas soviéticas", concluiu Suslov.

Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, acusou os russos de se comportarem como os nazistas alemães, ao atacarem uma nação democrática. "Ao afirmar que os seus soldados lutam pela mesma coisa que seus pais e avós", Putin demonstra cinismo", atacou. Ele aposta que Putin tentará obter ganhos militares no leste e no sul da Ucrânia. "Esta batalha está sendo muito dura e sangrenta", admitiu.

## AFEGANISTÃO

### ENTREVISTA / MOHAMMAD SUHAIL SHAHEEN

## "As mulheres usam o hijab de forma voluntária"

Dois dias depois da decisão do Talibã de ordenar o retorno do uso do hijab (véu islâmico) que cubra todo o rosto das mulheres, o movimento fundamentalista islâmico do Afeganistão, no poder em Cabul desde 22 de agosto de 2021, defendeu a vestimenta e minimizou a condenação da comunidade internacional. Em entrevista ao **Correio**, por telefone, Mohammad Suhail Shaheen, atual chefe do Escritório Político do Talibã em Doha (Catar) e ex-porta-voz do grupo, explicou que o Ministério da Prevenção do Vício e da Promoção das Virtudes reinstituíu o código de vestimenta depois de dúvidas da própria sociedade afegã e de funcionários da pasta sobre o tipo de hijab a ser obedecido pelas mulheres. "Praticamente todas as nossas mulheres têm observado o uso do hijab durante toda a vida. E elas o fazem de maneira voluntária", assegurou Shaheen, fúe em inglês e educado na Universidade de Cabul. Durante o primeiro governo do Emirado Islâmico do Afeganistão — como o Talibã se intitulava —, entre 1996 e 2001, ele editou o jornal Kabul Times.

**Por que o Talibã determinou que as mulheres cubram o rosto? O que motivou essa decisão?**

Houve muitas dúvidas, por parte da opinião pública e de

funcionários do Ministério da Prevenção do Vício e da Promoção das Virtudes, sobre qual o tipo de hijab a ser utilizado. Temos dificuldades em definir qual tipo de hijab as mulheres afegãs deveriam observar e usar, e qual é aceitável. Por essa razão, um comitê especial de eruditos religiosos foi montado. Esse comitê determinou os tipos de hijab aceitos. Qualquer roupa que cubra por completo uma mulher é um hijab para nós. A vestimenta não se limita à burca, que é um tipo de hijab, mas não o único. Há outros tipos de hijab aceitáveis e que as mulheres podem usar.

**Como o senhor vê a reação da comunidade internacional de condenação a essa decisão?**

A reação da comunidade internacional é improvisada. Ela se baseia em não conhecer completamente os detalhes da decisão, nem as tradições e a cultura da sociedade afegã. Praticamente todas as nossas mulheres têm observado o uso do hijab durante toda a vida. E elas o fazem de maneira voluntária. Não há peso adicional sobre elas. A nova decisão definiu o hijab de forma clara, em palavras transparentes. As mulheres não devem se sentir envergonhadas por não estarem observando o tipo correto de hijab. Como eu já disse, há vários tipos de hijab que elas podem utilizar.

Dimitar Dilkoff/AFP



**Mas qual resposta o senhor daria, então, ao Ocidente?**

Se a comunidade internacional aceitar que a sociedade ocidental é diferente da afegã, facilitará as coisas para nós, a fim de compreendermos uns aos outros. Em nossa sociedade, as mulheres usam o hijab voluntariamente, enquanto na ocidental elas não estão prontas para fazê-lo. Se você olhar essa decisão pelo ângulo da sociedade ocidental, parece algo estranho. Aqui, no Afeganistão, o hijab é considerado como algo que confere dignidade, civilidade e segurança às mulheres. Devemos aceitar que temos sociedades diferentes, com valores bem específicos.

**Que tipo de punição uma mulher afegã sofrerá caso não cubra o rosto?**

Se uma mulher não observar o hijab, ela não enfrentará nenhum tipo de punição. Em vez disso, as autoridades vão aconselhar o chefe de família a dizer para a integrante do sexo feminino que observe as regras do uso do hijab.

**E se mesmo assim ela insistir em não usar o hijab?**

A Corte intimará o homem para questionar por que ele, na condição de chefe de família, não segue as regras. Caberá ao tribunal determinar a punição.

**Quem será considerado culpado? O chefe de família ou a mulher?**

Isso é um tema jurídico. Apenas o tribunal sabe. Não sou juiz.

**Quando o Talibã tomou o poder, prometeu respeitar os direitos das mulheres...**

Estamos comprometidos com todos os direitos básicos das mulheres, como temos falado por várias vezes. E eles serão respeitados. O hijab não é uma coisa nova para as mulheres afegãs. Elas têm utilizado o hijab voluntariamente por toda a sua vida.

**Mas por que as mulheres são obrigadas a usarem o hijab?**

Porque o hijab é parte de sua crença, enquanto mulheres muçulmanas. (RC)

Chris Jackson/AFP



### Discurso do trono sem a rainha

A rainha Elizabeth II não fará este ano o tradicional "discurso do trono", previsto para hoje, no Parlamento britânico, para inauguração da nova legislatura. Ela será substituída pelo príncipe Charles, anunciou o Palácio de Buckingham, ao citar "problemas de mobilidade" da monarca. "A rainha continua sofrendo problemas episódicos de mobilidade e, após consultar seus médicos, decidiu relutantemente não participar do discurso do trono", explicou a casa real britânica. A saúde da monarca de 96 anos tem sido motivo de preocupação desde que os médicos lhe recomendaram repouso, em outubro, e quando foi hospitalizada durante a noite para "exames" não especificados. Desde então, ela cancelou sua participação em eventos de destaque e foi vista usando bengala e com dificuldades para se locomover em suas poucas aparições públicas. Durante o seu reinado de 70 anos, a soberana só faltou a esse compromisso duas vezes: em 1959 e 1963, quando estava grávida dos príncipes Andrew e Edward, respectivamente.